

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Escola de Belas Artes – Artes Visuais/ Escultura

Carine Costa Azevedo

CURAÇÃO:
um argumento experimental psicomágico

Rio de Janeiro
2021

Carine Costa Azevedo

CURAÇÃO:

um argumento experimental psicomágico

Texto apresentado como trabalho de conclusão do curso de graduação de Artes Visuais/ Escultura da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Orientação: Profa. Dra. Marina Ferreira Frega

Rio de Janeiro

2021

CIP - Catalogação na Publicação

AA994c Azevedo, Carine
Curação: um argumento experimental psicomágico /
Carine Azevedo. -- Rio de Janeiro, 2021.
67 f.

Orientadora: Marina Frega.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
Belas Artes, Bacharel em Artes Visuais: Escultura,
2021.

1. arte contemporânea. 2. feminismo. 3. narrativa
ficcional. 4. ancestralidade. 5. magia. I. Frega,
Marina, orient. II. Título.

Carine Costa Azevedo

CURAÇÃO: um argumento experimental
psicomágico

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de graduação de Artes Visuais/ Escultura da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte das exigências para a obtenção do título de bacharel em Artes Visuais.

Aprovada em: 9 de Abril de 2021

Banca examinadora:

Profa. Dra. Marina Ferreira Frega (Orientadora - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Profa. Dra. Dinah de Oliveira (Avaliadora - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Dr. José Carlos Guerra Damasceno (Avaliador - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Dedico este livro aos meus ancestrais.

Ao mesmo tempo, estou no meu passado, estou aqui agora e estou no meu futuro. Sou aquele que serei. E o que eu serei está totalmente inscrito em mim, em nós. O futuro está aqui e agora em nós, no mundo, em cada objeto, em cada ser. O futuro, o passado e o presente são um todo.

(JODOROWSKY, Alejandro. 2019)

RESUMO

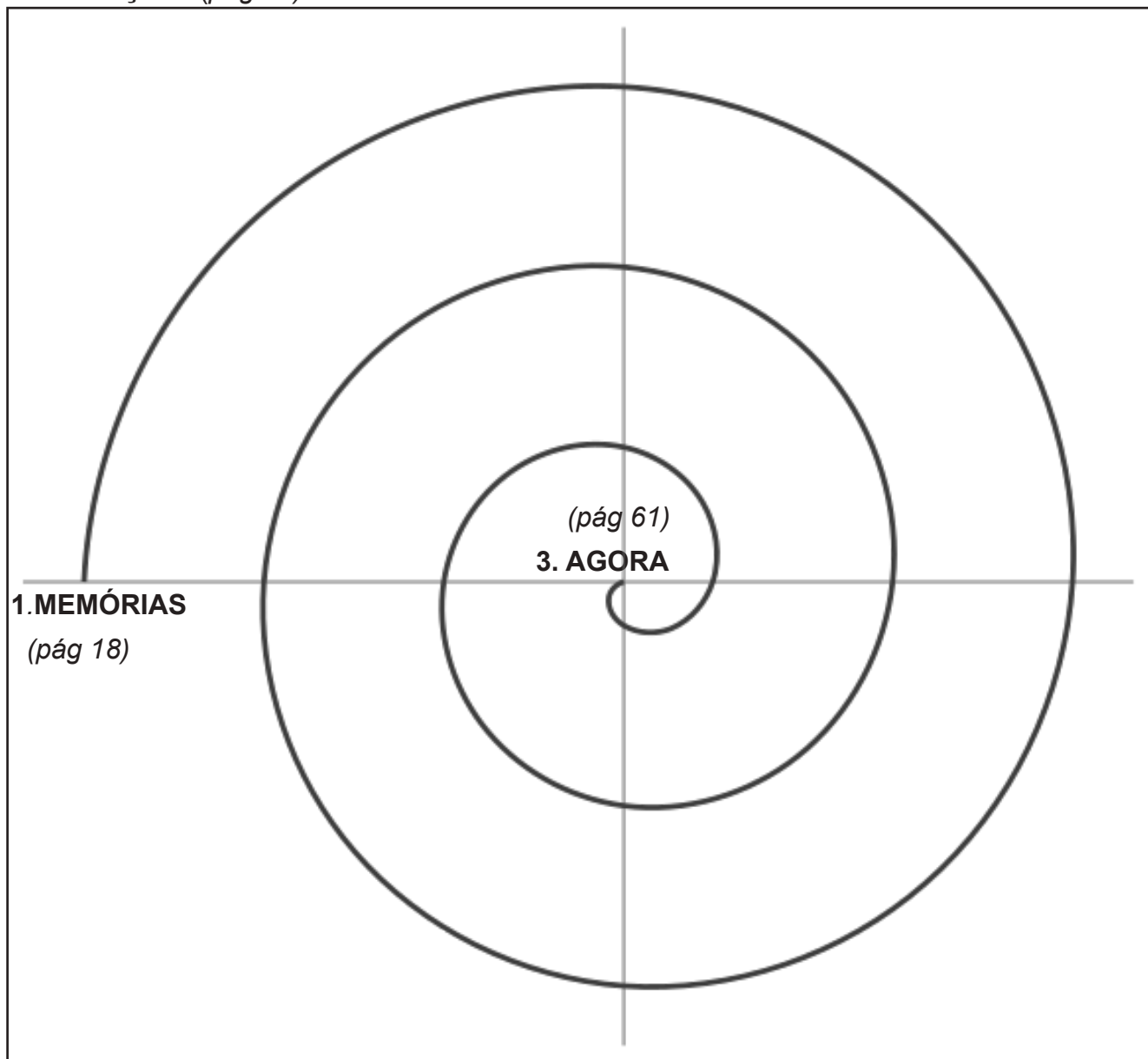
AZEVEDO, Carine. Curação: um argumento experimental psicomágico. Rio de Janeiro, 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Artes Visuais com Ênfase em Escultura) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

A partir das criações artísticas de Carine Caz, realizadas durante o período em que esteve como graduanda do curso Artes Visuais EBA/UFRJ, o trabalho de conclusão de curso apresenta, por meio da ficção, reflexões poético-políticas sobre a condição de pessoas identificadas como mulheres. Uma investigação que atravessa o corpo da artista e o analisa na fronteira entre os espaços público e doméstico. O texto é concebido como um “ritual-trabalho” de conclusão de curso e tem como premissa a inserção consciente da magia/ação artística e terapêutica, com a intenção de acionar a cura de padrões limitantes ancestrais, através da materialização do argumento experimental psicomágico intitulado *Curação*.

Palavra-chave: *arte contemporânea, feminismo, ancestralidade, narrativa ficcional, magia.*

SUMÁRIO

2. CURAÇÃO *(pág 26)*



MEMÓRIAS

introdução

Este trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é focado nas criações artísticas que realizei durante o período de 5 anos em que estive como discente do curso de Artes Visuais com Ênfase em Escultura na Escola de Belas Artes/UFRJ.

Desde o início da graduação pesquise artisticamente sobre questões políticas que envolvem a condição e a existência de pessoas identificadas como mulheres. Uma investigação que atravessa o meu corpo e que analiso na fronteira entre os espaços público e doméstico. A partir desse território, reflito a respeito das restrições e bloqueios emocionais e espaciais vivenciados, em sua pluralidade, por mulheres cisgêneros, de pele clara, classe média e latino-americanas, como eu. Os principais temas inseridos nas produções artísticas são: transgressão ao patriarcado, direito da mulher, empoderamento feminino, ancestralidade, autoconhecimento, feminilidade e biopolítica¹.

A pesquisa foi iniciada por criações em que o corpo não está em cena, mas sim o rastro de uma ação feita por ele. Neste momento, ocupo a rua com intervenções urbanas utilizando principalmente as técnicas de lambe-lambe, stencils e spray. Deposito no espaço público pensamentos que me conectam ao espaço doméstico através da inserção de objetos, utensílios presentes no lar, fotorperformance e frames de videoartes feitas na intimidade de uma casa. Também aconteceu o inverso, ao levar para o lar marcas de pichação em objetos.

1 Biopolítica é um termo utilizado por Michael Foucault com o objetivo de denominar a condição na qual o poder busca se modificar no final do século XIX e início do século XX. As ações disciplinares usadas anteriormente pretendiam governar pessoas. Já a biopolítica tem como objetivo governar o grupo de pessoas, a população. A biopolítica é a ação de biopoderes locais. No sistema de biopoder, a população é ao mesmo tempo o alvo como o dispositivo da relação de poder. Referência: Foucault, M. (1978). A governamentalidade. Em Michael Foucault, *Microfísica do poder* (pp. 277-293). Rio de Janeiro: Graal.

Na segunda fase da produção, a materialidade corpórea tornou-se o elemento central das obras, e a linguagem da performance passou a ser fundamental nas criações artísticas. Portanto, localizo este momento da pesquisa no entrelaçamento entre performance e ritual. A proposta artística é conectar o ritual performático, a quebra de espaço e tempo, à abertura de um canal de cura: um estado de ruptura da realidade e conexão com camadas do inconsciente.

As criações artísticas realizadas são apresentadas neste TCC através de uma escrita ficcional inspirada no formato de um argumento cinematográfico. O texto tem como referência o cinema experimental e o surrealismo. O experimental é empregado pelo seu caráter transgressor, rompendo com convenções estabelecidas na tradição artística e literária, com a finalidade de experienciar outras formas de criação. Essa proposta abre caminho para o outro pilar que estrutura a base do corpo textual: o surrealismo.

O caráter onírico do surrealismo guiou a construção poética da história. Além de abordar os conceitos do movimento surrealista², como: criação de uma realidade paralela, cenas que desafiam a lógica e a valorização do inconsciente. Assim como os surrealistas, os dadaístas também investigavam o estado onírico, sendo eles parte do movimento de vanguarda da história da arte especialmente relevante na idealização do texto ficcional.

Os trabalhos artísticos apresentados são parte fundamental na concepção da narrativa ficcional e experimental que compõe o desenvolvimento deste texto. Eles são descritos ao longo da ficção como acontecimentos que a personagem principal encontra ou como referências às situações que vivencia. São eles em ordem de aparição no texto ficcional: *Sem Título*

2 Na década de 1920 em Paris, nasceu o Surrealismo. Um movimento artístico e literário inserido no contexto das vanguardas europeias que viriam a determinar o modernismo no período entre as duas grandes guerras mundiais. Agrupa artistas primeiramente ligados ao dadaísmo obtendo relevância internacional. Vigorosamente inspirado pelas teorias psicanalíticas de Sigmund Freud (1856-1939), o surrealismo acentua a função do inconsciente na ação criativa. Um de seus propósitos foi elaborar uma arte que, de acordo com o movimento, estava sendo aniquilada pelo racionalismo. O poeta e crítico André Breton (1896-1966) era o principal líder e mentor do Surrealismo.

(2016), um objeto que dá vida a um ritual de passagem, composto por dente, molde em gesso de arcada dentária, fibra siliconada, tijolo e fita isolante preta; *Formação* (2018), videoperformance de uma série de ações realizadas em relação com a arquitetura urbana; *Dê a preferência* (2018), intervenção em sinalização urbana triangular com fita isolante preta, fazendo alusão a imagem de uma vulva; *AUTORIZADO, CARIMBADO.* (2017), intervenção em folhas secas marcadas por um carimbo, que utiliza um padrão estético e vocabulário característicos de documentos burocráticos; *Rendida* (2017), objeto constituído por pichação sobre porta retrato e renda sobre impressão fotográfica de menina anônima, fotografada por Lewis Carroll (1878) e um espelho; *Moça de Família* (2017), instalação em parede de pratos de porcelana pichados com adjetivos relacionados a uma “moça de família”; *Prazer em conhecê-la* (2017), videoarte que retrata uma videochamada onde uma pessoa está se apresentando e tem seu rosto apagado pela luz que a ilumina; *O pessoal é político* (2019), instalação de uma faixa de manifestação (lençol, renda preta e sarrafos de madeira) e cama em ambiente doméstico; *Sobrevidas* (2019), performance ritualizada por dois corpos, ovos, cama, véu, luvas vermelhas, máscaras cirúrgicas e hobby de cetim; *Ritual de Separação* (2017), videoperformance que mostra uma caminhada cadenciada, em que a performer é guiada por pedras portuguesas; *Desejo de Reconciliação* (2017), díptico fotográfico dos instantes que sucedem a videoperformance Ritual de Separação; *Estéril* (2019), performance realizada por duas pessoas trajadas com lingerie branca rendada e máscara maquiada, que varrem e pinçam com as mãos toda a vegetação presente no espaço; *Forte* (2019), performance realizada por uma pessoa que constrói um muro entre duas cadeiras e depois o desmorona; *Sem Título* (2019), instalação com estetoscópio e muro de tijolos. *Sem Título* (2019), objeto constituído por estetoscópio em contato com a epiderme de um tijolo; *De:Para* (2019), performance realizada por uma pessoa que escreve sobre o íntimo na superfície de escombros de tijolos; *Tenacidade* (2016), instalação de erva daninha sobre amontoado de telhas quebradas; *Bem-vinda* (2018), instalação em espaço público, com um capacho de porta escrito “Bem-vinda”; *Estopim* (2017), videoperformance com árvore, raízes, pés e pessoas, visualizada através de imagem binocular de captação 360 graus. O texto também conta com referências artísticas e bibliográficas, descritas em notas de rodapé.

O trabalho de conclusão de curso tem como premissa uma escrita que atue como ação terapêutica e artística, a partir de reflexões sobre as características dos trabalhos realizados. Em vista disso, as aproximações entre arte e ritual é uma referência importante, especialmente a partir de leituras como *Overlay: Contemporary Art and the Art of Prehistory* de Lucy Lippard. A chamada Psicomagia também foi uma referência especialmente relevante para a construção do TCC, experimentando a escrita com um ato psicomágico. Concebida pelo cineasta, tarólogo, artista Alejandro Jodorowsky, a técnica de Psicomagia foi fundada no princípio de que o inconsciente recebe os atos simbólicos tal como situações reais, de forma que um ato psicomágico seria aquele capaz de alterar o presente e curar sofrimentos da psique.

No documentário *Psicomagia: A Arte de Curar* (2020), de Alejandro Jodorowsky, atos psicomágicos, que o próprio autor escreveu para pessoas, são apresentados junto com o depoimento delas antes e depois de realizarem os atos. De acordo com o próprio artista, a psicomagia não deseja ser uma ciência e sim uma forma de arte que possui virtudes terapêuticas. O cineasta Jodorowsky também é uma referência pelos seus incríveis filmes surrealistas, entre os muitos filmes produzidos, destaco *Poesia sem Fim* (2016) e *A Dança da Realidade* (2013). Estes filmes de ficção têm caráter autobiográfico, e podem ser entendidos como atos psicomágicos de Jodorowsky com a intenção de cura familiar. Nestes filmes, alguns familiares do artista interpretam membros de sua família.

Igualmente, na fronteira entre arte e psicologia, arte e clínica, também se localizam outras referências artísticas para este trabalho, especialmente aqueles latino-americanos, como: Regina José Galindo, Lygia Clark e Rodrigo Braga. No parágrafo abaixo apresentarei resumidamente cada um desses artistas “curandeiros”.

Regina José Galindo (1974) é artista visual e poeta guatemalteca. Em seus trabalhos artísticos, traz à tona traumas coletivos, principalmente do território onde nasceu, e geralmente vivencia as questões em seu corpo. A artista aborda temas como: submissão e repressão; genocídio indígena, feminino e comunidades latino americanas; necropolítica; biopolítica e entre outros. Penso que Regina trabalha como um filtro de purificação, trazendo esclarecimento sobre feridas coletivas. Algumas de suas muitas performances são: *Pedra* (2013), *Terra* (2013), *A verdade* (2013), *A intenção* (2016), *A sombra* (2017).



Figura 1 - Regina José Galindo, "Terra", 2013, performance

Disponível em: <https://amlatina.contemporaryand.com/pt/editorial/regina-jose-galindo>. Acesso em: 22 fev 2021.

Ao final de sua carreira, Lygia Clark (1920-1988) abdicou do rótulo de artista e pediu para ser chamada de “propositora”. Após a fase neoconcreta, Lygia se interessou pela participação do público no ato de criação da arte. Criou objetos relacionais, que os sistematizou como um método terapêutico que intitulou *A Estruturação do Self* (1978-1988).

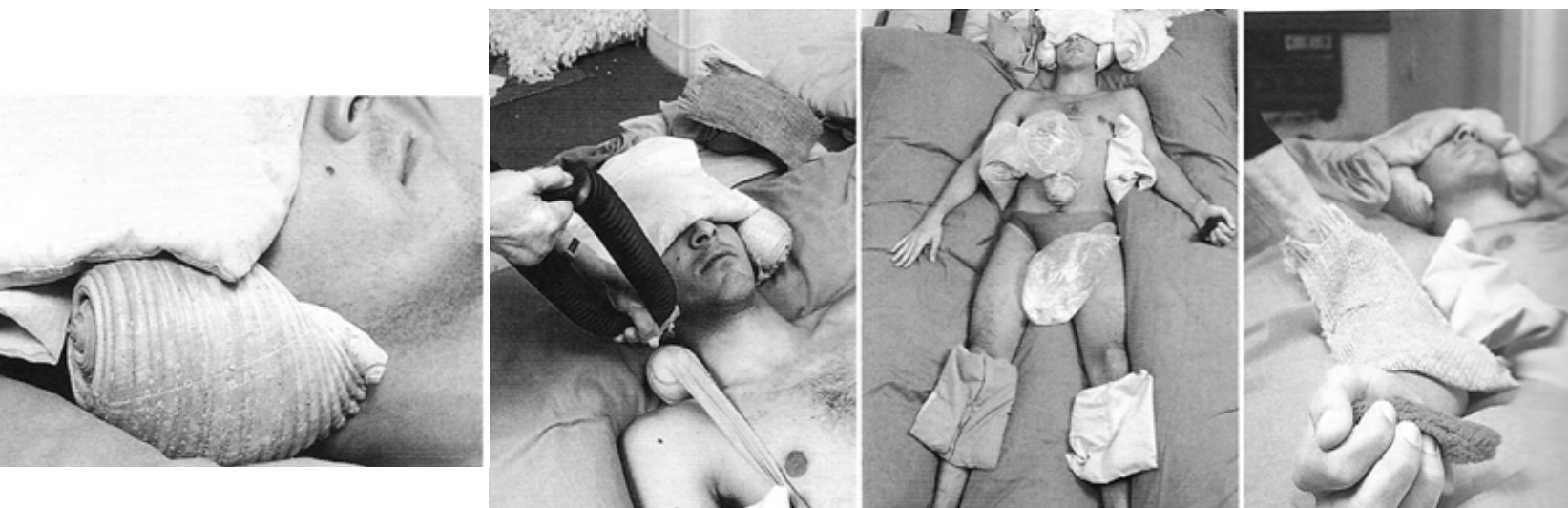


Figura 2 – Lygia Clark, “A Estruturação do Self”, 1978, proposição

Disponível em: <http://www.artefazparte.com/2011/12/arte-e-dor-na-experiencia-estetica.html>. Acesso em: 25 jan 2021.

Os objetos são constituídos por conchas, plástico e pedra, jornal, linha de tecido, papel e tesoura, e entre outros materiais simples. A interação do objeto com a superfície do corpo do público causa percepções distintas e poderosas. Deste modo, Lygia Clark se aproximou de outros campos de conhecimento, como filosofia e psicologia, para criar sua terapia artística.

Rodrigo Braga (1976) nasceu em Manaus em uma casa de pesquisadores e ecologistas. A partir do contato com a natureza, o artista ativa o seu ateliê. Ele eterniza suas ações temporárias através de vídeos, fotografias e livros:

Trabalho sobre a capacidade do ser humano de criar sistemas que se ligam à natureza, que a modificam ou extraem-se elementos, e percebo que apesar de todas as contradições possíveis, fazemos parte desta natureza e de suas mudanças. (BRAGA, Rodrigo. 2020)

Uma das características de Rodrigo Braga é se conectar à Natureza sem se apossar dela. Captura seus mistérios deixando-a intacta. Criações íntimas que encarnam o elo entre o seu corpo e a Terra. O artista revela em seus trabalhos a sua história pessoal ao mesmo tempo em que libera ou desafia o inconsciente coletivo para a tensão entre o ambiente e a mente humana.

Deste modo, inauguro este “ritual-trabalho” de conclusão de curso com uma inserção consciente da magia/ação artística e terapêutica, com a intenção de ativar a cura de padrões limitantes ancestrais que carrego em meu ser como uma experiência em que o leitor poderá se indentificar e vivenciar em imaginação.

O argumento experimental apresentado é intitulado *Curação* e carrega na palavra o seu poder simbólico: o constante processo de ser uma ação curativa. Esta é a intenção maior que guiou o texto ficcional, que é construído como obra artística, e aponta para a realização de um futuro filme surrealista.

No argumento é narrada a jornada de uma jovem que se vê no cruzamento entre conhecer a história de sua ancestralidade e viver sua realidade cotidiana. A jovem é a personagem principal da história e o fio condutor para acessar as diversas obras artísticas realizadas por mim nos últimos anos e que permeiam o texto. Imagino também que as obras

atuam como portais que fazem conexões com outras consciências. Entre narrativas sobrepostas, o tempo toma outras formas, o passado se faz presente, e o futuro determinado, se torna passado.



Figura 3 – Rodrigo Braga, “Comunhão”, 2006, fotografia
Disponível em: <https://www.rodrigobraga.com.br/Comunhao>. Acesso em: 18 jan 2021.

CURAÇÃO

um argumento experimental psicomágico

Sol. Em um centro urbano ouve-se a impaciência estacionar na via expressa engarrafada. Buzinas de muitos tons dão o ritmo para a composição sinfônica automotiva. Céu repleto de bolhas de sabão. No meio da passarela, há uma jovem mulher a contemplar de camarote o show neoliberal rodoviário. Enquanto isso, pessoas passam por trás dela na mesma velocidade que os carros desenham fuga debaixo de seus pés. Ela se prepara para fazer a sua maior bolha de sabão, inspirando a fragrância de poluição e expirando abstração. A bolha é liberta no ar e viaja contra o fluxo mecânico até colidir em um carro. O som de rock cessa, e a imensa bolha de sabão explode. A jovem se assusta e procura na paisagem a interrogação.

Um acontecimento ocorre sob os seus pés. Ela olha para baixo e, sob a passarela, observa a cena de um acidente, onde ela própria está no chão, machucada. E sua bicicleta jogada na lateral da rodovia. Perplexa com o incidente, sente tontura, tosse repetidas vezes e cospe dentes com longas raízes. Ainda mais assustada decide ir ao encontro de seu eu: a jovem, que está machucada, e ao mesmo tempo é ela própria. Então corre cambaleante até o acidente na rodovia. E ao deparar com si mesma deitada na calçada sente todo o impacto da colisão entre o orgânico e o robótico. Seu corpo enfraquecido cai sobre o colo de sua outra eu. A jovem acidentada tem sangue na boca, mas não sente dor, então ela pega no colo sua eu enfraquecida e carrega-a pela estrada. Enquanto isso, escutam as palavras do sangue transbordar. O fluxo interno foi liberado; sangue e lágrima conversam ao se encontrarem na epiderme. O sangue suplica por terra preta, e a lágrima clama por mar. Os dentes desplantados e cuspidos revelam a morte para as jovens. A novidade é o fim.

No meio da caminhada, a coluna fraqueja e decidem sentar sobre o pequeno pedaço de terra restante na cidade industrializada. Uma de frente para outra cavam um buraco na terra entre elas. Uma entrega para terra o dente desenraizado do corpo, a outra entrega o sangue que transborda de sua boca, e gotas de lágrimas dos quatros olhos fertilizam o ritual.

Levantam e continuam a caminhar. A jovem que teve seus dentes arrancados anda sobre o asfalto e, pelo reflexo da grande poça de água que percorre a lateral da rodovia, vê a sua outra versão caminhando em sincronia. Uma é a sombra da outra. Uma é um dos espectros da outra em outra dimensão. Deste modo, permanecem na jornada juntas, e a conversa acontece entre os olhos até que a poça tem seu fim. Agora só vemos uma delas seguir.

A jovem continua a andar e sobe novamente à passarela. Decide ligar para sua família, sua boca se despede da mãe e seu olhar adentra o interior. Sente um muro em suas costas, um véu curto em seu rosto que tampa sua visão e a camufla na superfície do extenso muro de azulejo português. Conectada à arquitetura colonial, aprende a se formatar nas quadradas placas de cerâmica e como cimentar-se no padrão estético estampado. Vestiram em seus olhos os dogmas que chegaram à caravela, e parte por parte de seu corpo é penetrada pela cultura estrangeira, através do gozo patriarcal. Ela move o seu corpo lentamente em direção a transgressão. Desgruda a lombar ancestral do muro, move-se com ele para enfeitiçá-lo e ensaiar fuga. Mexe metade do tronco e vagorosamente sua pelve se expressa buscando dentro de si a Kundalini. Descola toda coluna vertebral da estrutura azulejada abrindo o corpo à respiração. Experimenta outras formas de estar acoplada àquele plano esmaltado. Descobre o constante processo de formação do corpo e mente nos ensinamentos impregnados na fôrma colonizadora do muro. Percebe as distintas atmosferas entre a sombra e o feixe de luz solar que toca parte do chão de pedras portuguesas. Surpreende-se ao sentir que extravasou a fronteira doméstica ao ser aquecida pelo calor do sol, e estica-se ao máximo para senti-lo em mais relevos de seu corpo. Somente sua cabeça permanece fixada na superfície do azulejo português.



Carine Caz "Sem Título", 2016, Escultura, tijolo, fita isolante, dente, arcada dentária em gesso, linha, algodão.



Carine Caz "Formação", 2018, videoperformance
Performer Idris Bahia
<https://vimeo.com/299759476>

Uma ventania de luz desfia as tramas do véu. Os olhos voltam a ser iluminados, e as violências invisibilizadas não a cegam mais. Expira profundamente o ar e solta o corrimão da passarela. Volta o olhar pela última vez para a paisagem de carros e anda para o lado esquerdo da estrutura. Enquanto ela desce, se surpreende com uma árvore centenária em sua visão. Ela está longe e irradiando vida. A árvore se aproxima sem sair do lugar e elucida-a a memória presente em seu corpo.

Olha para as suas mãos, que carregam a honestidade e a habilidade com instrumentos musicais de seu pai; seu sorriso brincante de devorar maçã contém a perspicácia de sua mãe; em sua cabeça brota a criatividade na junção das espirais profundas e capilares de sua mãe com as ondas de mar manso de seu pai; a perna direita é centímetros mais alta que a esquerda, e as duas caminham juntas com uma cintura sinuosa, adaptada ao mundo, de sua avó paterna; a sobancelha direita pontua a desconfiança de seu avô paterno; o peito leve e otimista de seu avô materno; os joelhos que estalam as limitações do corpo, contido no espaço doméstico, de sua avó materna; o nariz longo, de intensa alergia ao acordar angustiado, de seu bisavô paterno; o pescoço longo e determinado de sua bisavó materna; a voz doce, de dar colo, de seu bisavô materno; e o olhar que sorri calmo, profundo e observador de uma família que vê a vida com vontade e tem carinho pelo que a visão toca. Olhando sem piscar a jovem se emociona ao se perceber saudade.

Uma folha seca daquela grande árvore chegou até a jovem. Ela pega a folha no chão, e tenta ler algo que está escrito. Entretanto, as pessoas que passam pela passarela começam a correr muito rápido e a esbarrar nela. Então, a jovem corre também, porém para o lado oposto do cardume de gente. Acaba tropeçando em algo grande, mas não cai. Olha para trás e vê que é uma pedra. Olha novamente com mais atenção e escuta os dizeres em castelhano de forma repetida:

“ Pedra
Sou uma pedra
Não sinto os golpes
A humilhação
Os olhares lascivos
Os corpos sobre o meu
O ódio
Sou uma pedra
Em mim
A história do mundo.”

(GALINDO, Regina José. 2013)

Na esquina desta mesma calçada, há um corpo totalmente acoplado à arquitetura da rua. Por um olhar desatento está totalmente camuflada. A jovem percebe, neste momento, que o que acabou de ver são corpos de mulheres mimetizados ao urbano.



Figura 4 – Regina José Galindo, “Piedra”, 2013, performance
Disponível em: <http://www.reginajosegalindo.com/piedra/>. Acesso em: 18 jan 2021.



Figura 5 – Valie Export, “Configurações do corpo”, 1976, fotografia
Disponível em: <https://www.valieexport.at/>. Acesso em: 18 jan 2021.

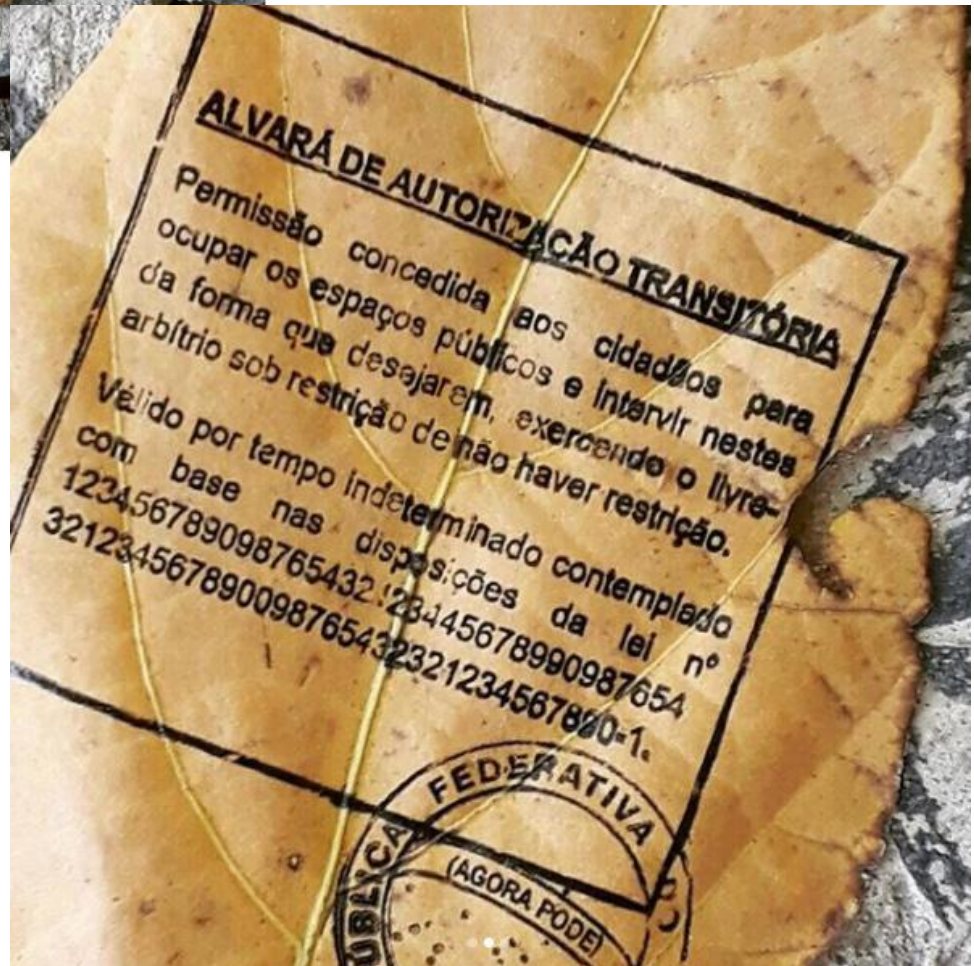
Pára seu corpo ao se segurar em um poste de sinalização urbana. Escapa do turbilhão, mas permanece com as palavras da pedra-mulher como um mantra em sua mente. Consegue chegar ao fim da passarela e se esconde em um lugar mais calmo para ler o que está escrito na folha daquela familiar árvore.



Carine Caz "Dê a preferência", 2018, intervenção urbana.



Carine Caz "AUTORIZADO, CARIMBADO",
2017, intervenção urbana.



Depois de ler as palavras carimbadas na folha, olha para onde está. Não vê mais carros ou pessoas apressadas. Está no alto de uma montanha. Ela consegue enxergar a cidade toda bem pequenina e vê muito além daquele centro urbano. O que é público e o que é privado aqui? Parece insignificante esta pergunta em terras sem cerca capitalista. Será que aqui um corpo feminino é somente um corpo?

Anda pelo campo tentando se desconectar das palavras da pedra, que sente tão intimamente em seu ser, e se enriquece das palavras da folha. Ao caminhar pela vegetação rasteira, a jovem vê uma grande pedra, e no alto dela há uma pessoa vestindo vermelho sentada em uma cadeira. A jovem chega perto da pedra e grita para o alto, para a pessoa de cima ouvir: “Ei, o que está fazendo aí?”. A pessoa calmamente olha para baixo movimentando somente o pescoço e diz em servo-croata: “Estou presente”.



Figura 6 – Marina Abramovic,
“A artista está presente”, 2012, performance.

Disponível em: encurtador.com.br/bgITX.
Acesso em: 18 jan 2021.

Sem mais explicações, a jovem decide não atrapalhar. Olha para a direção que os olhos daquela mulher miram na tentativa de captar o diálogo entre o globo ocular e a paisagem, mas não entende. A jovem decide andar pelo grande campo verde sentindo a sua presença e tudo o que consegue perceber presente. Estar presente em si lhe deixa desconfortável. Enxerga na presença as ausências que carrega. Sente a ausência em si, e percebe que a leva há tantos anos que já faz tempo que compreende esse peso vazio como parte dela. As ausências são nebulosas e sem forma definida. Como dialogar com elas?

Continua andando pelo gramado. Avista atrás de uma árvore uma casa de arquitetura colonial portuguesa e recorda da folha seca que veio até ela. Sente o poder de ir atrás do seu querer e não hesita ao escolher o seu desejo. Vai até a casa, com a curiosidade nos fios de cabelo, para enxergar a presença e/ou ausência que habita aquele organismo. Ao chegar, se depara com a porta de entrada aberta, como uma boca salivando, esperando a comida invadir. A jovem adentra, e a atmosfera muda. Não escuta mais o som do vento. Não sente a luz e o calor do sol penetrarem aquelas paredes mofadas. Dentro daquele espaço silencioso com pouca luminosidade, se vê um ambiente pacato e sente-se o invisível em movimento. Em uma dinâmica reprimida, que se torna transparente ao olhar para a sala de estar, vê o seu olhar dentro de um porta-retrato. A fotografia antiga é de uma menina na faixa dos 6 anos, com vestido claro que cobre praticamente todo o seu corpo, sentada em uma poltrona. A renda que decora a mobília cobre seu rosto e vela sua identidade. A moldura do porta-retrato é repleta de pichação. Ela não consegue decifrar o grito escrito, mas entende a indignação. A jovem vê na criança ela própria e também uma ancestral.

Ao olhar para o lado, vê a mesma linha preta se alastrar pelos pratos de porcelana portuguesa pendurados na parede da sala de jantar. Tem dificuldade de entender o que está escrito, mas esse rastro de ser revela a emoção que transborda em direção a transgressão. Desejo de atenção, de escuta para compreender o que joga num berro de tinta preta sobre os pratos impregnados pela tradição colonizadora. “Moça de Família” é o que está escrito no maior prato. Nas outras cerâmicas, adjetivos “respeitosos”, entendidos assim pela hierarquia

patriarcal. O pixo exclama a voz subversiva, e, nas palavras impregnadas na superfície es-
maltada, joga a ironia e a potência de ressignificar um estado.

Desgovernada, a jovem, olha para a mesa de canto e enxerga uma ação interrompida.
Uma parada no tempo ou somente um instante que não é perceptível. Vestígios do caminhar
da tesoura afiada através de uma longa fita de moebius. Uma estrada de papel que toma
diferentes rumos na andança. Divide em duas vias as escolhas, formando um caminho mais
estreito e prolongado.

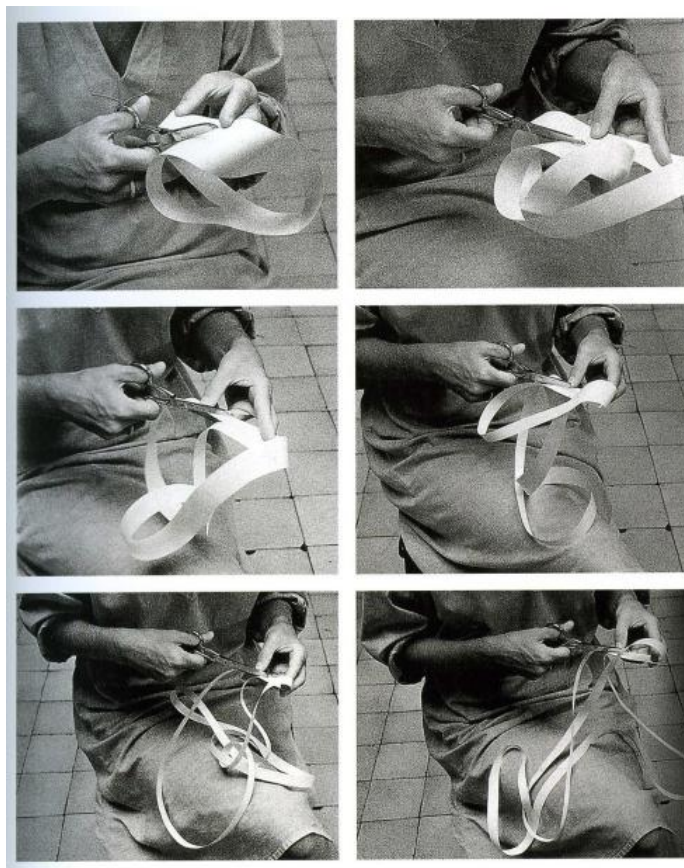


Figura 7 – Lygia Clark, “Caminhando”, 1963, proposição
Disponível em: <https://bigredandshiny.org/1585/there-is-no-spectator-here-encountering-lygia-clark/>.
Acesso em: 27 jan 2021.



Carine Caz "Rendida", 2017, objeto.



Carine Caz "Moça de Família", 2017, instalação.

Olha para o corredor e para a porta de entrada da casa. Entende nesse momento que o caminho dela pode se aprofundar nesta história ou sair da casa e voltar o mais rápido possível para a passarela da via engarrafada. A tv pisca e revela a imagem de uma pessoa tentando se comunicar com uma luz tão forte em seu rosto que vela a sua identidade.



Carine Caz “Prazer em conhece-la”, 2017, videoarte
<https://vimeo.com/235427259>



3 Videoarte inspirada na “Série Noivas - Aluguel e venda” (2004), Cris Bierrenbach.
Disponível em: <http://crisbierrenbach.com/pessoal/foto/noivas/>. Acesso em: 14 fevereiro 2021.

“Sublima tudo, só não sublima o desejo”⁴ , a oração costurada em sua mente ressoa. Ela passa pelo corredor e entra no quarto. No ambiente, há uma cama, e, atrás, uma faixa de manifestação com os dizeres “O pessoal é político”⁵ , escritos com faixa rendada de lingerie preta. Um rugido das lobas⁶ para a luz da consciência. Sente a batida em seu tórax do tambor feito de lata de tinta de 18 litros, que é totalmente amassado no ritmo da canção feminista durante uma manifestação no centro da cidade do Rio de Janeiro. Ecoa em si a história de muitas, e muito dela. Deita-se na cama com o impacto do conhecimento. A batida muda de ritmo e expõe outras colisões. Ela sente o cheiro dos sutiãs incendiados, a emanção das suas ancestrais queimadas, o farejar no século XIII da Inquisição, e a dor da ainda cotidiana misoginia no contemporâneo. A jovem grita, com suas cordas vocais e seu corpo mudo.

4 Esta frase faz parte da obra de arte “Sublima tudo, só não sublima o desejo” (2019) da Cooperativa de Mulheres Artistas. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B3LMHVxJruM/>. Acesso em: 5 de março 2021.

5 A expressão “O pessoal é político” foi marcada através do ensaio, com o mesmo nome, da jornalista Carol Hanish publicado na revista Notes from the Second Year: Women’s Liberation em 1970.

6 Referência poética ao livro “Mulheres que correm com os lobos” de Clarisse Pinkola Estés. 1. ed. Bantane, 1989.



Carine Caz "O pessoal é político", 2019, instalação

Dedo indicador toca as máscaras cirúrgicas. “Shhhhhhhhhhhhh” “Shhhhhhhhhhhhh”. Mãos vestindo vermelho tiram a jovem de cima da cama, como se fosse um utensílio doméstico. São quatro mãos de dois corpos, que trajam hobby de cetim e máscaras cirúrgicas no rosto. As duas pessoas encaram a jovem novamente, com olhar silenciador, e voltam para o que estavam fazendo. Concentradas continuam a se movimentar, ovos são manipulados e governados sobre um colchão. Gestos de biopoder são calculados. E estabelecem os espaços das vidas em potencial na cama mundana. Ela fica atordoada e hipnotizada com a ação robótica da natureza mecanizada. Todos despersonalizados e levados ao status de coisa, para extração e consumo de si próprio. Uma auto-antropofagia poluente.



Carine Caz e Virna Bemvenuto “Sobrevidas”, 2019, videoperformance⁷

<https://youtu.be/pw0cMuxzUbl>



⁷ Performance inspirada na fotografia “Entrevidas”, 1981 da artista Anna Maria Maiolino.

Disponível em: <https://centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br/atividade/a-arte-de-anna-maria-maiolino>.

Acesso em: 23 fev 2021.

Um raio de luz atravessa a janela e chega em seus olhos. Guia sua vista para transpassar o acontecimento sobre o leito e penetrar no externo. Observa a floresta que se esconde no quintal da casa. Contempla por longo tempo a presença do verde. Lá, o sol toca radiante. Mergulha a curiosidade profundamente entre os galhos das árvores, e de supetão retorna. Ocorre uma inquietante movimentação na outra parte da mata, que faz emergir um ponto branco. Aos poucos a cor vai se aproximando e deixando seu perímetro mais nítido. Uma pessoa veste branco, e há um grande véu rendado em seu rosto. Anda devagar, com o corpo endurecido, e pés guiados por um longo fio tensionado. A vegetação vai se tornando árida ao se aproximar da casa colonial, e evidencia as pedras portuguesas, que puxam o ser vestido de noiva. Pedras, com identidade e história, comandam sutilmente o destino daquele ser. Neste momento, a terra úmida e fértil fica para trás, e os pés domesticados adentram o desmatado, desgarrados das raízes de sua árvore genealógica e envelopados no branco. Viajam para distante de sua sabedoria ancestral.

Aquele ser não é O e nem é A. Falta pronome e conhecimento da língua colonizadora para expressar a identidade de outras formas de existir. A tentativa de tradução ou adaptação de orações subordinadas às regras católicas gramaticais comprovam a dificuldade de quebrar o padrão de uma cultura de verbos possessivos. O divórcio com sua natureza é firmado ao enterrar os dois pés na terra seca da civilização estrangeira.



Carine Caz "Ritual de Separação", 2017, videoperformance
<https://vimeo.com/245844769>



Carine Caz "Desejo de Reconciliação", 2017, fotografia

A pessoa começa a tirar o vestido branco e revela uma lingerie de mesmo tom. Tira o véu, e descobre a máscara em seu rosto. Um plástico transparente com desenho de sobrancelhas, cílios, olhos, boca, bochechas maquiados, somente deixa escapar as gotas de suor abafado da identidade camuflada. Uma outra pessoa, exatamente com a mesma vestimenta e máscara, sai da casa com duas vassouras nas mãos. Este ser padronizado vai de encontro à nova iniciada, e lhe entrega uma das vassouras. Juntas começam a varrer toda vegetação daquele território. Convertida ao novo “shape”, faz a manutenção do mesmo até adormecer toda a potência da Terra ao redor da casa grande. Queimam tudo que tocam: as sementes de possibilidades, as folhas de consciência, e os brotos de vida que pinçam com as mãos, constituindo uma depilação à brasileira.



Alice Ferraro e Carine Caz "Estéril", 2019, performance
<https://vimeo.com/524698280>



Na mente da jovem é sussurrado: “As netas das bruxas não foram queimadas”⁸. Com a atenção mergulhada para fora da janela, ela volta a si. Os olhos compreendem o ambiente em que está; vê o quarto e os seres robotizados cumprindo suas funções alienadas. Se sente viva e se sente neta. Entende sua ancestralidade e o seu presente. No agora, se interliga com as camadas do tempo, se conecta com a arte. A ausência toma forma ao olhar para o muro que divide ela de si mesma. Retira os tijolos de dentro de si e joga no quintal da casa. Cada novo tijolo que a jovem lança desestrutura a residência. Um terremoto acontece no domicílio, enquanto ela, aos prantos, contempla cada tijolo que desmorona em seu interior. Escuta a epiderme da Terra atijolada com os olhos, mãos e coração. A casa vai se desgovernando aos poucos, abrindo saídas. Neste momento de fragilidade, ao examinar com coragem os seus, e de muitos outros, bloqueios, a jovem também se sente forte. Ao derrubar o forte, percebe a força de todos os seres arrancados de suas raízes que estão com ela. Olha para onde estava a casa e vê uma grande montanha de entulho. Lá no alto há um broto de vida que agita as suas pequenas folhas, com desejo anunciando a descolonização.

8 A frase muito frequente nos grupos feministas faz referência as perseguições que as mulheres sofreram na Idade Média por terem um estilo de vida diferente do que a Igreja considerava adequado.



Carine Caz "Forte", 2019, performance
<https://youtu.be/s83OZlcLo5Y>





Carine Caz "Sem Título", 2019, instalação



Carine Caz "Sem Título", 2019, escultura



Carine Caz "De:Para", 2019, performance
<https://vimeo.com/387043286>



Carine Caz "Tenacidade", 2016, intervenção

Ao se aproximar da montanha de entulho, encontra o tapete da entrada da casa com os dizeres “Bem-Vindo” e percebe ao lado uma árvore ferida escorrendo pingos de leite. Sente em seu dedo a seiva branca, e desenha com o fluido uma linha curva no capacho, modificando a inscrição para “Bem-Vinda.” Leva o objeto até o limiar entre a floresta e a terra depilada, e o coloca virado para a entrada da mata. Olha pela última vez para a paisagem desestruturada e enxerga os seres, não mais mascarados, indo de encontro a ela. Logo atrás deles a vista a criança que estava presa no porta retrato se levantando junto do ser que foi enquadrado na tv. Por último emerge da água empoçada na terra sua eu machucada que lhe dá a mão. A jovem os espera, e entram todes em sua natureza.



Carine Caz "Bem-Vinda" 2018, intervenção urbana



Alice Ferraro e Carine Caz “Estopim” 2017, videoperformance⁹
<https://vimeo.com/247410742>



⁹ A videoarte tem como referência o trabalho “Silhueta”, 1973, de Ana Mendieta. Disponível em: <https://www.sleek-mag.com/article/ana-mendieta/>.

AGORA

conclusão

Dirigimo-nos aos inconscientes que protestam. Procuramos aliados. Precisamos de aliados. E temos a impressão de que esses aliados já existem, de que não esperaram por nós, de que há gente que está farta, que pensa, sente e trabalha em direções análogas: nada a ver com moda, mas com um “ar do tempo” mais profundo, no qual se fazem investigações convergentes em domínios muito diversos. (DELEUZE, Gilles e GUATARRI, Félix, 1972)

No argumento experimental *Curação*, uma reflexão sobre o tempo se faz presente a partir da tentativa de inserção, no mesmo instante, de experiências vividas por mulheres em tempos distintos da história da humanidade. O instante *Curação* experimenta a quebra da perspectiva do tempo linear para ancorar a narrativa no agora. O objetivo da sobreposição de tempos é ativar um momento em que se possa entender a questão desde sua raiz até as camadas de sua expansão. Neste sentido, penso que *Curação* instaura um ar atemporal que atua como meio de conexão entre conhecimentos, consciências e inconsciente pessoal e coletivo.

Deste modo, no argumento a personagem busca as suas aliadas a partir do conhecimento sobre suas histórias. A jovem protagonista estando presente em seu agora viaja até o tempo de suas ancestrais através das memórias impregnadas nos objetos, pessoas e situações que permeiam a sua jornada.

O movimento de estar presente no agora é entendido aqui como uma poderosa abertura para a criatividade. Uma criatividade sem amarras com a sociedade e em harmonia com o cosmo.

Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade e nos alienamos desse organismo de que somos parte, a Terra, passando a pensar que ela é uma coisa e nós outra: a Terra e a humanidade. Eu percebo que não existe algo que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmo é natureza. Tudo que eu consigo pensar é natureza. (KRENAK, Ailton. 2020)

Inspirada pela reflexão de Krenak, penso em uma criatividade cósmica que desenha mundos possíveis a partir do conhecimento e interação com o todo, com a natureza. Nosso tempo não será mais “especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade e do próprio sentido da existência da vida.”(KRENAK, Ailton, 2019, p.13.) Podemos agir de modo a identificar e nos separar do ego. Uma invenção humana que traz ilusão de vivacidade, criando um breve entendimento sobre a persona e uma visão distorcida que despersonaliza qualquer outra forma de vida.

Quando despersonalizamos o rio, a montanha, quando tiramos deles os seus sentidos, considerando que isso é atributo exclusivo dos humanos, nós liberamos esses lugares para que se tornem resíduos da atividade industrial e extrativista. (KRENAK, Ailton. 2019)

O capitalismo é sintonizado em um ritmo desconectado da natureza. Cria a partir do acúmulo de riquezas materiais uma “áurea” que humaniza apenas pessoas que tem mais acúmulos e o oposto para quem tem menos. Nessa frequência mecanizada e industrial do tempo consome tudo e todos. Intrínseca à fortificação do ego, vive-se uma autodestruição. Entretanto, tendo a consciência sobre a raiz dos modos operantes deste nosso mini cosmo capitalista, podemos nos tornar seres criativos em potencial. Portanto, entendo que é preciso encontrarmos dentro de nós o ser artista que somos. Mergulharmos na criatividade cósmica e sintonizarmos com o tempo onírico. O sonho, próximo do surreal e da ficção, seria nesta perspectiva uma primeira linguagem e atuaria como um espaço potente de criação e transfor-

mação da realidade.

Sonho é uma mistura de memórias passadas que reorganizadas podem ter relevância para a vida futura. Começou a se gestar, a surgir e evoluir entre os mamíferos aquilo que venho chamando de um oráculo probabilístico com base nas memórias do passado como deve ser o amanhã. (RIBEIRO, Sidarta. 2021)

Presente em meu oráculo probabilístico, o TCC é a matéria que escolhi para manifestar parte de meu sonho. Vivenciado com a intenção psicomágica de acionar a cura a partir da viagem surrealista no tempo, sinto que:

Ao mesmo tempo, estou no meu passado, estou aqui agora e estou no meu futuro. Sou aquele que serei. E o que eu serei está totalmente inscrito em mim, em nós. O futuro está aqui e agora em nós, no mundo, em cada objeto, em cada ser. O futuro, o passado e o presente são um todo. (JODOROWSKY, Alejandro. 2019)

Tempo é arte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

A DANÇA DA REALIDADE, Direção: Alejandro Jodorowsky. Produção de Alejandro Jodorowsky e Michel Seydoux. Chile e França: ABKCO FILMS 2013. 1DVD.

ARGÜELLES, José. **O tempo e a tecnosfera: a lei do tempo nas relações humanas**. 2.ed. Brasil: Madras Editora Ltda, 2006.

BRAGA, Rodrigo. **Marc Pottier nos revela Rodrigo Braga**. França: landê, 2020. Disponível em: <iande.fr/atualidades/marc-pottier-nos-revela-rodrigo-braga/?lang=pt-br>. Acesso em 16 janeiro 2021.

CLARK, Lygia. **Meu Doce Rio** (Paris, 1975). Galeria Paulo Klabin, Rio de Janeiro, 1984.

_____. **Lygia Clark**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1980.

DAMASCENO, José Carlos Guerra. **Como tornar-se um artista mago: experiência e criação entre arte e magia ou aprendizados da Virgem do Alto do Moura e do Materializador de Sonhos**. 2019. 247f. Tese (Doutorado em Artes) - Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

DELEUZE, Gilles e GUATARRI, Félix. **O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia**. 1.ed. França: Minuit, 1972.

Espaço Além, Marina Abramovic e o Brasil, 2016. Filme. Direção de Marco Del Fiol. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6SPoBSWhSnM>.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.

FOUCAULT, Michael. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal. 1987. p.277-293.

FREGA, Marina Ferreira. **Do Fóssil ao Húmus: Arte, Corpo e Terra no Antropoceno**. 2016. 369 páginas. Tese (Doutorado em Arte e Cultura Contemporânea) - Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

GALINDO, Regina José. **Piedra**. Guatemala: ,2013. Disponível em: Regina José Galindo Site <<http://www.reginajosegalindo.com/piedra>>. Acesso: 10 fevereiro 2021.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt; Revisão da tradução Suely Rolnik. 21ª edição. Campinas, São Paulo: Papirus, 2012a.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolíticas: cartografias do desejo**. 12 Edição. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

HARAWAY, Donna. **Anthropocene, Capitalocene, Plantationocene, Chthulucene: Making Kin**. In Environmental Humanities, vol. 6, 2015.

JODOROWSKY, Alejandro. **Metagenealogia: el arbol genelogico com arte, terapia y búsquedadel Yo esencial**. 1.ed. Buenos Aires: Sudamericana, 2011.

JODOROWSKY, Alejandro. **O genial Jodorowsky propõe-nos uma cura através da arte**. 2019. (4 min) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IBJ_PfnyIW0>

JODOROWSKY, Alejandro. **Psicomagia**. 1.ed. São Paulo: Devir, 2009.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. 1.ed. Brasil: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1.ed. Brasil: Companhia das Letras, 2019.p.13 e 24.

LIPPARD, Lucy. **OVERLAY: Contemporary Art and the Art of Prehistory**. 1.ed.New York: Phanteon,1983.

PINTO, Regina Célia. **Celeida Tostes**. Rio de Janeiro: Museu do Essencial e do Além Disso, 2006.

PSICOMAGIA - A arte de curar, Direção: Alejandro Jodorowsky. Produção de Guy Avivi e Xavier Guerrero Yamamoto.França:ABKCO FILMS 2019.1DVD.

POESIA SEM FIM, Direção: Alejandro Jodorowsky. Produção de Xavier Guerrero Yamamoto. Chile e França:ABKCO FILMS 2016.1DVD.

RIBEIRO, Sidarta. **O oráculo da noite: A história e a ciência do sonho**. 1.ed. Brasil: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Sidarta. **Por um mundo com mais sonhos e abraços planetários**. 2021. Brasil: TEDxSaoPaulo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VWo4u7GCZZk>. Acesso em: 7 março 2021.

ROLNIK, Suely. **Geopolítica da Cafetinagem**. São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Geopolitica.pdf>

VISO, Olga M. (Org). **Ana Mendieta - Earth Body**. Washington: Hirshhorn Museum, Smithsonian Institution, 2004.

